

O crescimento de um indivíduo não ocorre impedindo o crescimento dos demais. Para que um grupo cresça não é necessário reduzir as suas partes. O conjunto cresce com o desenvolvimento de cada porção.

A individualidade é muitas vezes combatida de forma ingênua, como se o individual fosse algo a aniquilar. Isso também se verifica na estrutura político-econômica de hoje. Vivemos numa era global em que as necessidades dos países e de suas populações são colocadas para segundo plano em nome da paz e da estabilidade econômica mundiais. Conflitos armados acontecem em nome da democracia, quando no fundo a causa deles está nos interesses dos complexos militares-industriais.

“A sombra”, como Carlos coloca, “está condenada a imitar a luz e a correr atrás dela.” [2] Em nome de belos ideais a população mundial tem sido empurrada para caminhos duvidosos. Todos nós aspiramos, de forma mais ou menos consciente, à igualdade e fraternidade humana. Nossa natureza maior está no Uno, e é para ela que tendemos a avançar. No entanto, além da boa vontade é preciso cultivar o discernimento e ver de fato qual é o caminho global da civilização materialista.

Carlos escreveu:

“Uma comunidade planetária deve ser construída com completo respeito por cada nação. O afeto pelo seu país é um sentimento altruísta e flui nos níveis superiores de consciência, desde que seja combinado com o discernimento.”

E ele acrescenta:

“Um indivíduo saudável tem círculos concêntricos de amor por sua família, sua cidade, seu país, pelo continente onde ele geralmente vive, por outros países ao redor do mundo e pela humanidade. Ele também ama seu planeta e todo o Universo. Esses sentimentos concêntricos são inseparáveis uns dos outros.” [3]

O amor universal e o sentimento de comunidade estão ligados ao amor-próprio. Assim como o ato de estimar e respeitar a vida se relaciona com a autoestima e o autorrespeito.

Como nos podemos identificar com o Uno se não reconhecemos em nós mesmos o sagrado?

A personalidade, assim como a individualidade, apenas se torna um obstáculo quando não cumpre a função a que está destinada: servir a vida.

Uma personalidade forte não está destinada ao fracasso espiritual. Quando sua meta é altruísta e sua força tem raízes no eu superior, a personalidade é capaz das mais belas realizações divinas. A personalidade pode e deve estar a serviço de algo maior do que a esfera terrena. Pensar em nós mesmos não é um defeito quando o pensar inclui a unidade da vida, o autoaperfeiçoamento e a devoção ao mundo divino.

Eiji Uehiro, fundador da “Associação por uma Ética Prática”, escreveu:

“A adaptabilidade é muitas vezes elogiada como uma grande virtude, mas se a adaptabilidade significa simplesmente adaptar-se ao que todo mundo quer que sejamos, então, de fato, somos uma geração perdida.” [4]

A capacidade de adaptação do ser humano é extraordinária. Essa é uma das características que permitem ao indivíduo sobreviver num mundo em constante mudança, e faz todo sentido no plano material. Contudo, no nível espiritual devemos ser firmes em ética, altruísmo, autorrespeito, e em tantos outros aspectos divinos, mesmo quando somos apontados por terceiros como estando errados e como sendo *politicamente incorretos*.

Manter essa firmeza trará vários dissabores para o eu inferior, mas é uma bênção para os planos superiores do nosso ser.

A filosofia esotérica aponta para a totalidade da vida, para o seu aspecto uno, mas ela ensina que a percepção e a vivência da unidade, bem como a sintonia, são acima de tudo interiores e jamais negam a diversidade.

O texto “O Mundo Como Espelho da Alma” [5] fala da correspondência entre as realidades interna e externa da existência. A alma cria uma visão do mundo ao seu redor, mas o eu interno é também influenciado pela realidade externa. Este é um ponto importante para o nosso trabalho e o uso correto das energias.

Lemos nesse artigo de Carlos:

“O universo psicológico tem um nível de consciência que registra em si mesmo os fatos do universo exterior, e se adapta a eles.” [6]

Devemos, por isso, estar atentos ao que absorvemos da realidade externa. Que possamos renunciar à mediocridade em nosso mundo psicológico. Deixemo-nos inspirar pelos pensamentos e ações corretos que existem ao redor, e também pelo silêncio e o vazio.

Viver em retiro interior é a melhor forma de vivenciar a comunhão, mesmo quando convivemos no plano físico com outros indivíduos.

Através desse recolhimento somos mais cuidadosos com o que aceitamos para nós, mas também com a qualidade do que emitimos. Esse retiro conduz ao encontro da vida como um Todo. Nos aproximamos dos outros mais pelo silêncio do que pela palavra. Não é por participar do barulho e da agitação do mundo que ajudamos e vivemos mais e melhor. Para ajudar verdadeiramente aqueles que necessitam, temos de começar por ajudar nosso eu superior, e isso se consegue fazendo o melhor com cada momento, dando uma direção altruísta aos nossos pensamentos e uma substância divina às nossas emoções.

Eiji Uehiro escreve em sintonia com os ensinamentos teosóficos. E diz algo que devemos ter sempre presente:

“O princípio da harmonia e do amor humano transcende tempo e lugar, proporcionando alimento espiritual e iluminação para todos. Pois o amor e a harmonia nunca nos traem. Mesmo quando nós pessoalmente falhamos ou caímos em caminhos ruins, a própria ética não muda, e a própria ética não nos condena; sempre temos a oportunidade de corrigir e melhorar a nós mesmos.” [7]

Podemos ver muita coisa negativa na humanidade atual. Apesar de toda a confusão que possa existir, uma coisa é certa: a verdade e a bondade vencem sempre.

A LIT nos oferece oportunidades para que percebamos o verdadeiro significado da vida. A loja nos convida a unir o terrestre com o celeste pelas experiências diárias. Através das tarefas, do estudo e da tentativa de vivenciar o que estudamos, a LIT dá aos eus inferiores seu

real propósito (servir a humanidade) e coloca a luz, a alma imortal, no comando de todas as operações.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] Veja o poema “[Mundo Interior](#)”.

[2] Do artigo “[Blavatsky, Judaísmo e Nazismo](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[3] Do texto “[Europe and World Federation](#)”.

[4] Do artigo “[Moral Determination and Commitment](#)”, de Eiji Uehiro.

[5] Veja “[O Mundo Como Espelho da Alma](#)”, texto de Carlos.

[6] Do artigo “[O Mundo Como Espelho da Alma](#)”.

[7] “[Moral Determination and Commitment](#)”.

000

Uma versão inicial do texto acima foi apresentada em dezembro de 2017 aos associados da Loja Independente de Teosofistas.

000

O Que Acontece **Quando a Tolice É Majoritária**

...**P**or que é que a maior parte dos homens cometem faltas de bom senso tão grosseiras?

É porque eles ligam mais autoridade à opinião do mundo e das maiorias mal-educadas do que às luzes da razão e ao conselho do pequeno número de sábios.

No tempo de Sêneca já, as vítimas dos preconceitos, as pessoas que se julgavam obrigadas a alimentar-se e a pensar *como toda a gente*, e receavam singularizar-se por hábitos de simplicidade e de sabedoria eram numerosas: “Uma das causas das nossas desgraças é que nós vivemos segundo os outros, e que, em lugar de termos como regra a razão, deixamo-nos arrastar pela torrente do uso... O erro toma sobre nós os direitos da sabedoria, desde que se torna o erro público”. [1]

(Paul Carton)

NOTA:

[1] Obras Completas de Sêneca, em francês, dois volumes. Ver Carta CXXXIII, Tomo II, p. 447.

[Reproduzido do livro “**O Naturismo em Sêneca**”, de Paul Carton, edição portuguesa de 1923, pp. 32-33. A obra está publicada em [nossos websites](#).]

Importância do Respeito à Lei Celebrando a Derrota das Ditaduras



Tanques de guerra em Brasília, durante o golpe de estado de primeiro de abril de 1964

Golpes de estado e ditaduras militares são momentos infelizes na história dos povos. Por isso, o final das ditaduras deve ser comemorado. Toda experiência de autoritarismo é uma lição amarga, enquanto a democracia constitui o regime da paz e do florescimento cultural.

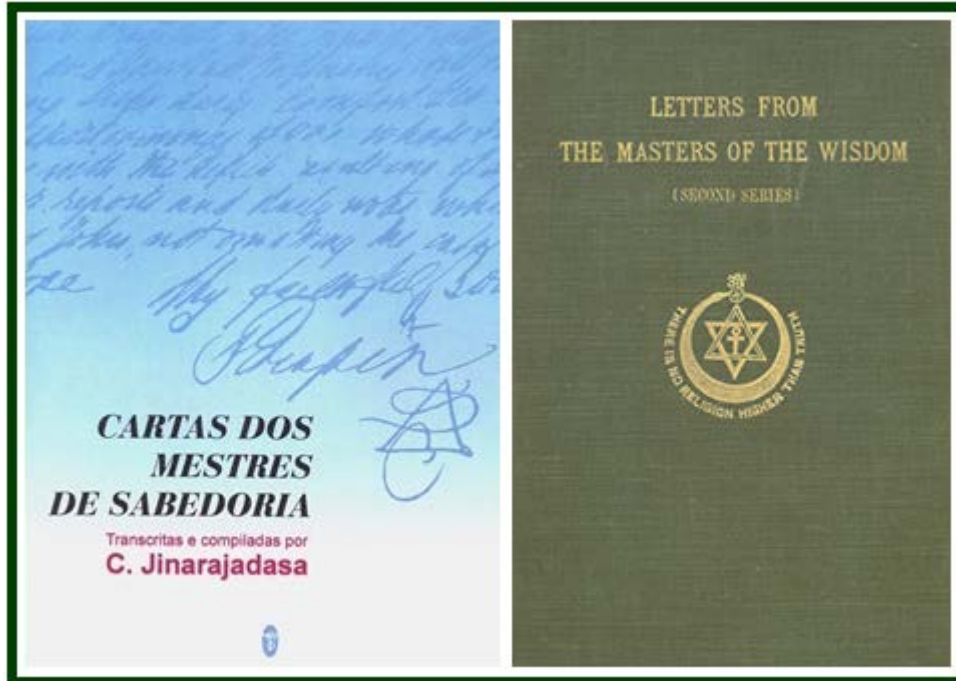
Os desinformados talvez celebrem esta ou aquela ditadura. Na verdade, o cumprimento da Constituição caracteriza os povos que têm respeito por si mesmos. A filosofia esotérica recomenda liberdade com responsabilidade. O correto é combinar democracia com justiça social. As imperfeições fazem parte da vida, e a lei merece respeito. Quando um país tem cidadãos sábios e honestos, seus líderes políticos são dignos da posição que ocupam.

De Onde Vem o Bom Senso

No Brasil de 2019, enquanto os radicais mais infantis desprezam os mecanismos da democracia alegando que são falhos, as forças armadas atuam com posição moderada e constitucionalista, preservando o equilíbrio que o país necessita.

Os militares brasileiros aprenderam as lições da Guerra Fria e ajudam a conduzir o país na direção de políticas moderadas, com respeito à Lei. São hoje em grande parte uma reserva moral da nação. Já os partidos de esquerda parecem ter dificuldade de aprender com a História. Ainda não conseguiram absorver lições como a queda do muro de Berlim, em 1989, ou o fracasso do marxismo nos mais diversos países em que tomou o poder. Derrotada, a esquerda precisa reencontrar o equilíbrio, o bom senso, a capacidade de pensar, assim como resgatar o sentido de ética e de respeito pelo país. O mesmo vale para a direita e para o centro.

Ensinaamentos de um Mahatma - 24



Nota Editorial:

O artigo número vinte e quatro desta compilação de escritos do mestre de Helena Blavatsky apresenta a Carta 26 da obra “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, segunda série.

A carta mostra que ao ajudar os outros o indivíduo pode ajudar seu próprio carma. O primeiro passo é *merecer* progresso. O mestre faz “a valente defesa daqueles que são injustamente atacados”, ao defender Henry Olcott; e faz um exame revelador sobre o uso sutil de calúnia entre discípulos e discípulos leigos, indicando a quem isso serve.

(CCA)

Carta 26 [1]

A pedido de H.P.B., declaro por meio desta os seguintes fatos: nenhuma carta censurando Henry Olcott, acusando-o de incompetência ou entregando a direção dos assuntos da S.T., ao Sr. S.G.L. Fox [2] jamais foi enviada por mim ou recebida por ele, seja em Londres ou outro lugar qualquer.

A última página de uma longa carta a respeito de assuntos administrativos escrita em outubro de 1884 e enviada por mim para *Upasika* - uma mulher que serviu-me fielmente - continha um parágrafo (dois terços de página) relativo ao Sr. L. Fox; o qual, seguindo instruções, ela enviou ao Sr. Fox solicitando-lhe que o devolvesse e então foi queimado. O restante de minha

carta não foi mostrado, nem a ninguém foi permitido ver ou tocar. Portanto, ele nada sabe a respeito disto. No supramencionado parágrafo foi-lhe indicada a conveniência de retornar sem demora à Índia, com o objetivo de influenciar na direção correta as mentes perturbadas das *bara-sahabs* [3] Anglo-Indianas e ajudar, dessa maneira, seu próprio (de L. Fox) *karma*. É com esse propósito - e não outro - que lhe foi pedido para ir.[4] Qualquer outra dedução sobre o que foi escrito (feita pelo Sr. L. Fox ou outro qualquer) é falsa.

Desejo que todo aquele que tenha ouvido o Sr. L. Fox acusar o “fundador” Olcott, aqueles que ouviram as palavras cruéis de censura dirigidas novamente contra Henry Olcott pelo Sr. L. Fox, ouvissem agora também o que tenho a dizer sobre ele.

Se Henry errou foi porque é humano e, sendo humano, com frequência, acreditou em conselheiros falsos e tolos, mais “incompetentes” do que ele, a quem acusam disto.

Se ele é “ignorante” de muitas coisas, assim o são seus acusadores, e se ainda permanece *não-iniciado*, a razão disso é muito clara: até hoje ele preferiu sempre *o bem dos muitos a seu próprio benefício pessoal*. Ele desistiu das vantagens obtidas através do constante e sério chelado, por aqueles que dedicam-se a ele, em favor de seu trabalho por outras pessoas - *e são estas que agora viram-se contra ele*.

Que o Sr. S.G.L. Fox saiba o que agora digo: sejam quais forem as falhas de Henry Olcott nós estamos satisfeitos com ele, e *lhe agradecemos*. Que *todos* saibam o que penso e agora afirmo sobre minha própria assinatura. Henry Olcott serviu e seguiu seu Mestre “até o último alento com veracidade e lealdade”. Como outro grande mas igualmente excêntrico gênio inglês acertadamente colocou, “Tolos são aqueles que acreditam em qualquer mentira noticiada e não têm energia para admiti-lo; tolos aqueles que *não acreditam* nisso, mas não têm a coragem de proclamá-lo. Tímidos e covardes, viciados e hipócritas aqueles que a calúnia pode alarmar ou que darão um pronto ouvido a ela. ‘Parece verdade’ - dizem eles; será mesmo? Esquecem eles que ‘uma mentira nunca tem mais sucesso do que quando coloca em seu anzol como isca algo de verdade?’” Tolos, tolos! os que não veem que todos os *asura-dugpas* [5] estão trabalhando para a destruição da Sociedade, [6] que é o único, último inimigo da sua Salvação nas atuais águas conturbadas do *Kali-yug!* Cegos são os que veem e não percebem. Seu *karma* está tecido; mas que Mestre pode, ou *deve*, auxiliar os que se recusam a ajudar a si próprios?

M .:

NOTAS:

[1] Não vi o original desta carta, que está agora no norte da Índia. Um amigo obteve uma cópia para mim. Em várias passagens tenho certeza de que a transcrição está incorreta. (C. Jinarajadasa)

[2] Na transcrição o nome aparece como Sr. S.Y.L. Luf, o qual tomei como uma má leitura do nome do Sr. S.G.L. Fox - Sr. St. George Lane-Fox, que se encontrava na Índia quando o ataque dos Coulomb iniciou, e que retornou à Índia em 1885. Foi membro do Comitê de Controle da S.T. quando os dois Fundadores partiram para a Europa em 1884. Ele testemunhou sobre o caráter genuíno dos fenômenos que presenciou, seguiu sempre leal à memória de H.P.B. (C. Jinarajadasa)

[3] Palavra hindustani para “pessoas grandes”, ou importantes. (C. Jinarajadasa)

[4] Comparamos com o original em inglês e colocamos nesta frase a palavra “É”, que está faltando na edição brasileira de 2010. (CCA, em maio de 2019)

[5] *Asura-dugpas* - magos negros, inimigos do que é divino. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”)

[6] Referência ao ataque dos missionários cristãos usando os Coulomb, com a subsequente denúncia de H.P.B. como impostora pela Sociedade para Pesquisa Psíquica. (C. Jinarajadasa)

000

O texto acima reproduz a Carta 26 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Segunda Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline, 295 pp., ver pp. 204-206.

A edição em inglês de 1948 da obra pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

000

Carta a um Leitor: **Como Defender Blavatsky**



A bandeira de Israel contém um antigo símbolo teosófico

Prezado amigo,

Você pergunta como melhor defender Helena Blavatsky das inverdades inventadas contra ela e o movimento teosófico.

Obrigado. Parabéns pela boa intenção. As acusações contra Blavatsky são em geral financiadas por esquemas de poder dogmático e reproduzidas pela inércia do mau hábito e do preconceito. Leia o livro de Sylvia Cranston sobre a vida de HPB:

* [BH Livros \(Brasil\)](#)

* [Raja Yoga Books \(Portugal\)](#)

Sobre a Segunda Guerra Mundial e o movimento teosófico:

[A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial](#)

Pense sobre os crimes do nazismo e do antissemitismo na perspectiva teosófica:

* [Blavatsky, Judaísmo e Nazismo](#)

* [Nazismo, Democracia e Teosofia](#)

A respeito de Carl G. Jung, nazismo e teosofia:

* [Informe Sobre Jung e a Teosofia](#)

* [Freud, Jung e a Religião](#)

* [Jung Escreve Contra a Teosofia](#)

Cabe dizer que a Loja Independente segue Helena Blavatsky como referência central, e, portanto, apoia Israel e o povo judeu, assim como apoia todos os povos perseguidos ou injustiçados.

Examine o que há sobre Israel em nossos websites. Vá à barra de pesquisa nos websites www.CarlosCardosoAveline.com, www.FilosofiaEsoterica.com, www.HelenaBlavatsky.net, ou www.AmazoniaTeosofica.com.br, escreva “Israel”, clique e verá. Em língua inglesa, faça o mesmo em www.HelenaBlavatsky.org.

Acredito que este material dará a você uma base sólida de conhecimento em primeira mão.

Namastê, Um Estudante.

000

A Lei Natural

“...A primeira lei humana é a lei da justiça, que as contém todas em si. Por conseguinte, sejamos justos e não nos deixemos levar por maus sentimentos.”

(Júlio Verne)

[Palavras do personagem Doutor Clawbonny, na obra “Aventuras do Capitão Hatteras”, de Júlio Verne, edição em dois volumes, Editora RBA, Barcelona, Espanha, 2003, ver volume 2, p. 86.]

Antônio Corrêa D'Oliveira:
**Os Quatro Elementos,
Mensageiros Divinos**



O Fogo, a Terra, a Água, o Ar, um dia,
Toparam-se, em amigável ajuntamento,
Num cerro onde pousava o firmamento,
De onde tudo, em redor, se descobria.

Ainda a Terra era estéril. Água, havia:
Mas não sôfrega boca e olhar sedento.
Era o Ar meio sombra e meio vento.
E o Fogo ainda a si mesmo se acendia...

E os dúbios, torvos Deuses, consagrados
À iniciação das vidas, deslumbrados,
Não eram ainda aquilo que seriam:

Espíritos, sem forma, que vogavam...
- Mas já, como sonâmbulos, sonhavam
As maravilhas grandes que fariam.

1.O Sonho da Água

E disse a Água ao Fogo, ao Ar e à Terra:
- “Sonhei que, de onda envolta em névoa infinda,

Subi aos céus; voltei: e, nessa vinda,
Eu dei o rio e a fonte ao vale e à serra.

E fui a paz, depois de ser a guerra.
E matei sedes. E fui pura e linda.
Fui lágrima e fui canto. E fui, ainda,
Gota de orvalho que a minha alma encerra.

Mas, sobretudo, e para sempre, eu fora
O Mar, de força e inspiração criadora:
Água de morte e vida, negra e cérula.

E, nas minhas entranhas tenebrosas,
Gerando monstros, vidas tumultuosas,
Bebi a luz e a dor, - e fui a Pérola.”

2.O Sonho do Fogo

E o Fogo disse à Água, à Terra e ao ar:
- “Sonhei, um dia, meio adormecido...
(Se o sonho é um fumo, quem com mais sentido
Do que o Lume, do que eu, para sonhar?)

Sonhei... Vi-me adorado sobre o altar,
Dos céus roubado, à terra convertido;
Facho, de encontro à névoa e à onda erguido;
Candeia e lenho, a arder, no amor do lar.

Mas, antes, já minha alma heroica, filha
Do Sol, fizera a eterna maravilha
Que mesmo à Luz deu luz, e à vida inteira:

Tanto me fiz sentir, ainda às escuras,
Que fiz, - olhando-as, - o olhar das criaturas:
E me vi (a mim próprio!) a vez primeira.”

3.O Sonho do Ar



E disse o Ar ao Fogo, à Terra e à Água:
- “Sonhei que, pouco a pouco, me fizera
Um corpo, quase espírito: e pudera

Penetrar a minha alma a luz e a frágua!

Ondulo, espalho a minha vida: trago-a
Tão presa às outras (seja rosa ou fera)
Que, sem eu ser, sem mim, desfalecera
A vida universal em morte e em mágoa.

Por sobre o mar, por sobre a terra erguido,
Em mim respira quanto foi nascido,
Como eu respiro a luz, feita dilúvio.

E, pálido e sensível, eu transmito
As vibrações que descem do Infinito:
Médium, inspiro ao mundo o etéreo eflúvio...”

4.O Sonho da Terra

E ao Ar, ao Fogo, à Água, doce e brando,
Disse a Terra em palavras ansiosas,
Como a voz comovida das Esposas
Quando se dizem mães, a Deus falando:

- “Eu vi o Sol, em sonhos, como quando
Fizemos nossas Bodas misteriosas...
Nasciam do meu seio a asa e as rosas:
Mil vidas de beleza, em voo e em bando.

Em mim, eu me louvava e bendizia.
A Luz, a Mãe Espiritual, sorria
Em claro e universal contentamento.

E sonhei! e sonhei... E então, aos céus,
De mim nasceu e alou-se um belo Deus,
Fecundo, eterno e livre: o Pensamento!”

5.Aliança

Deste modo [1], o Fogo, a Água, a Terra e o Ar,
Longamente, entre si, se entretiveram.
Não sei eu entender o que entenderam;
Muito menos, ainda, o sei contar.

Mas, neste belo e fundo praticar,
Melhor as suas almas conheceram...
(Ainda era noite, quando assim disseram;
Abriu a aurora: foram batalhar.)

Juraram, entre si, concerto amigo:
- Irmãos, filhos do mesmo caos antigo;
Filhos da mesma aspiração criadora.

Fazem-se, às vezes, guerra? Uma aparência!
Pois a harmonia é sua própria essência:
Não fora vida um só, se outro a não fora.

(António Corrêa D'Oliveira)

NOTA:

[1] “Deste modo”: na versão original do poema, “desta arte”, expressão hoje em desuso.
(CCA)

000

Reproduzido da obra “**A Criação**”, de António Corrêa D'Oliveira, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa, provavelmente 1914, 217 pp., pp. 29-40. A ortografia foi atualizada.

000

Robert Crosbie: **O Que É Que Reencarna?**

O que reencarna é um mistério para muitos, porque há uma certa dificuldade de compreender a permanência que existe através de repetidas encarnações. Eles sabem que o corpo nasce, e morre, e se dissolve. Mas suas mentes estão tão identificadas com o corpo, em suas relações e sua ambientação, que são incapazes de se dissociar dele. Eles pensam em si mesmos como pessoas, como corpos de natureza física e, portanto, não conseguem ver onde, neles, pode estar o poder de encarnar através de uma vida e outra.

A teosofia apresenta uma visão ampliada, ao mostrar que o homem **não** é o seu corpo, porque o corpo está continuamente mudando; e que o homem não é sua mente, porque ele está constantemente a mudar de opinião; mas que existe no homem algo permanente, que é a sua identidade através de todos os tipos de personificações.

[Clique para ver o artigo](#)
[“O Que É Que Reencarna?”](#), de R. Crosbie

000

Em que nível você está do caminho espiritual? Ou os seus amigos? Veja o artigo [“Kohlberg e os Estágios da Consciência Ética”](#).

000

Desenvolvendo Uma Visão Correta

Almas Sufocadas Pela Vibração Densa do Mundo Esperam Mensagem Que as Desperte



00

O artigo a seguir transcreve um estudo feito em 2019 para a Loja Independente de Teosofistas, LIT.

00

Meu interesse pelos assuntos espirituais ressurgiu nesta encarnação quando foi o momento da alma entrar em ação. Considero que as tendências cármicas manifestadas e a forte influência do meio onde me desenvolvi como um “eu social” dificultaram sobremaneira a ressurgência do “eu individual profundo”, herdeiro das experiências da Grande Jornada.

Sobre isso, anotei:

Penso que um Indivíduo que iniciou uma autêntica busca pela Sabedoria em encarnações anteriores pode ser levado a encarnar em um ambiente de fanatismo religioso, ideológico ou materialista, (...) para autossuperação e fortalecimento da alma e até mesmo para efeito de teste ou provação. Tal situação certamente poderá eclipsar temporariamente o estado de desenvolvimento alcançado em estágios anteriores e tornar tardia a retomada do processo de autodesenvolvimento. Ao despertar em um ambiente aparentemente retrógrado, o peregrino

terá que mudar diversos dos paradigmas que adotou como crença, visando retomar a orientação anterior.

Na atual encarnação transitei por vários grupos, li grande número de livros e entrei em contato com muitas pessoas. Talvez pelo retorno tardio à busca espiritual e pela inconsistência das relações vivenciadas até então, esses trânsitos ocorreram em períodos relativamente efêmeros, até chegar à periferia do movimento teosófico e finalmente entrar em consonância com a teosofia clássica ou original.

Por meio dos textos publicados pela LIT na Internet, o processo alquímico acelerou alguns aspectos fundamentais da Jornada. A Teosofia funcionou como catalisador e como bússola, induzindo a um novo posicionamento no mundo, e a uma forma mais autêntica de encarar a vida.

Em um dos artigos publicados pela Loja, Helena Blavatsky esclarece:

“...O homem, como microcosmo, é dotado de livre-arbítrio; mas ele é limitado pela ação de outros livres-arbítrios, sob a ação da lei da harmonia universal, que é a Lei do Carma. A verdadeira função do poder da vontade é produzir harmonia entre a lei e o homem.”

“A consciência inferior reflete essas aspirações inconscientemente, e mais tarde ela mesma passa a aspirar, e é elevada, se as coisas estiverem de acordo. Uma tal aspiração seria uma tendência em direção à Teosofia; este instinto, se for desenvolvido, se tornará uma aspiração consciente.” [1]

Gradualmente, a minha visão de mundo foi modificada em vários aspectos, notadamente em relação aos laços de convivência cultivados. O olhar mais imparcial para mim mesmo e para a vida em geral, ao lado de uma perceptível expansão da consciência, suscitou nuances um tanto incômodas - até então ignoradas -; houve um misto de deslumbramento e desagrado, ou “perplexidade”.

A dinâmica descrita no artigo “O Eu Social e o Eu Profundo” é apropriada para caracterizar o fato:

“O processo de aprendizagem da teosofia é uma transmutação psicológica da dor em contentamento e da ignorância em sabedoria. Não basta olhar para o alto: é preciso ao mesmo tempo transformar o que está na Terra.”

“No processo de busca da sabedoria, o peregrino deve observar o grau de contradição e contraste entre o seu ‘eu social’ - sua individualidade tal como é percebida pelos outros - e o seu ‘eu profundo’, que os outros não veem.”

“Alguns estudantes tentam sinceramente identificar-se por completo com o seu ‘eu socialmente construído’, o eu elogiável, o eu das aparências. Não percebem que, quanto mais representam um papel ‘admirável’ diante dos outros, mais frustração é produzida em seu subconsciente.” [2]

Passsei a lidar mais francamente com essa dicotomia entre o eu social e o eu profundo. Isso me dotou de uma lente mais clara para olhar o mundo social, agora com possibilidade de enxergar um contraste na vida a partir de uma perspectiva mais próxima da realidade. Tal situação me

faz recordar um pensamento presente em um livro que remete ao Talmude: “Nós não vemos as coisas como elas são, mas como somos”.

Durante esse processo, tive um pequeno vislumbre do que foi descrito por um Mahatma a um teosofista nascido sob a cultura ocidental nos idos do século 19. As palavras do Sábio são perfeitamente adequadas aos dias atuais:

“...Seria uma coisa extremamente difícil para você dizer-me como é que a sua sociedade ocidental e civilizada, com sua igreja, Estado, política e comércio, pôde em algum momento assumir uma virtude que é completamente impossível de praticar em sentido irrestrito por um homem culto, um estadista, um comerciante, ou qualquer outro que viva no mundo?”

“Poderá qualquer uma das classes mencionadas acima - a fina flor da nobreza (...), seus mais orgulhosos fidalgos e mais destacados membros do parlamento, suas damas virtuosas e sinceras - poderá qualquer um deles falar a verdade, pergunto, seja em seu lar, ou em sociedade, durante suas funções públicas ou no círculo familiar?”

“O que você pensaria de um cavalheiro, ou dama, cuja afável polidez de maneiras e suavidade de linguagem não cobrisse falsidade alguma; alguém que, ao encontrar você, lhe diria direta e abruptamente o que pensa de você, ou de qualquer outra pessoa?”

“E onde você pode encontrar aquela pérola de comerciante honesto ou aquele patriota temente a Deus, ou político, ou um simples visitante casual seu, que não esconde seus pensamentos todo o tempo, e é obrigado, sob pena de ser visto como um bruto, um louco - a mentir deliberadamente, e com uma expressão facial enfática, assim que é forçado a dizer o que pensa de você; a menos que por milagre seus sentimentos reais não exijam ser escondidos?”[3]

Tal situação talvez reflita as “dificuldades psicológicas específicas da alma ocidental”, expressão utilizada no Prólogo da Edição Luso-Brasileira da obra “Luz no Caminho”, publicada por *The Aquarian Theosophist* (p. 12).

Essa é uma visão dura, mas ao prosseguirmos mais conscientemente na Senda, passamos a olhar para a mesma situação como um campo de aprendizado.

Cardoso Aveline afirma em “O Eu Social e o Eu Profundo”:

“Na história dos povos, a hipocrisia social é uma das fontes dos piores conflitos políticos e religiosos. É do processo acumulado de mal-estar emocional que resultam as guerras.”

“O cidadão de boa vontade pode ter em sua alma um núcleo central e dominante de amor à verdade, e talvez participe de um trabalho humanitário bem direcionado. Ainda assim, terá de observar a luta entre aparência e realidade em sua própria alma. Se disser a si mesmo que ‘já venceu esta luta’, estará apenas enganando a si mesmo.”

“O duro confronto dos erros próprios e das falhas alheias é condição indispensável para a missão teosófica, e para que haja uma visão lúcida. No entanto, isso não basta: o desafio principal é construir. A atividade criativa depende de áreas e aptidões cerebrais muito diferentes das funções da consciência que rotulam, separam e criticam. Construir implica o uso de novas formas de inteligência, bastante diversas das ‘inteligências da demolição’.”

“Quando o estudante não tem algo que possa criticar, ou quando percebe que a discussão dos erros alheios nem sempre tem os efeitos positivos desejados, ele precisa aumentar o rigor interno e confrontar a resistência que boicota em seu próprio interior a força criativa da sabedoria.”

O efeito experimental do contato com a verdade é tremendamente impactante. Mas uma vez que a verdade é reconhecida pela alma inicia-se o processo de aproximação da sua Luz, por meio do autodesenvolvimento. A própria verdade faz com que o desenvolvimento da alma não obedeça a interesses pessoais. Por esse motivo, penso, é dito que “Teosofia é Altruísmo”.

Longe de sentir repugnância pela relativa ignorância observável, o sentimento fraternal evocado pelo movimento teosófico nos estimula a compartilhar as experiências com os irmãos.

É inspiradora uma anotação feita por Helena Blavatsky em seus “Escritos Reunidos”:

“Nosso objetivo fundamental é a Fraternidade Universal, (...) uma Irmandade de todas as crenças e denominações, composta de teístas e ateus, cristãos e gentios de todo o mundo, sem que ninguém renuncie à sua opinião particular, unidos em uma forte sociedade ou Fraternidade de ajuda mútua, e com o mesmo propósito em vista, isto é, a constante, embora ao mesmo tempo calma e sábia, busca da verdade onde quer que seja encontrada...”. [4]

O contato com a Teosofia Original e com a pedagogia dos Mahatmas e dos Mestres de Sabedoria causou em mim um tipo de “crise” entre o eu pessoal e o eu profundo, o que talvez tenha servido para despertar uma “segunda atenção”, semelhante ao processo vivenciado por Castaneda sob a orientação do seu Instrutor Dom Juan, conforme narrado por Aveline em seu artigo “A Ponte Entre Céu e Terra”. [5]

Aos poucos, o contato com os ensinamentos teosóficos faz “ressuscitar” no estudante o *quantum* de experiência já assimilado pela alma até o presente momento e estimula o desenvolvimento do potencial latente em cada indivíduo.

Considerando a minha própria experiência, impulsionada pelos escritos teosóficos, é possível inferir que existem outras almas asfíxiadas pelas vibrações densas que caracterizam o mundo cotidiano. Essas almas estão à espera da mensagem capaz de despertá-las do estado de torpor temporário, autoengendrado em sua maior parte.

Termino essas reflexões com uma anotação feita por mim quando, após alguns meses como leitor, já considerava o avanço para um compromisso mais consciente com a Teosofia e com a Fraternidade Universal, por intermédio da Loja Independente:

Tendências herdadas de mim mesmo por intermédio dos meus pais e do meio social são fatores indicativos de outras encarnações. Seus resultados podem agora ser melhor identificados e trabalhados, favorecendo o fortalecimento da vontade e a estabilização no Centro de Equilíbrio.

Esse estágio possibilita um trabalho mais consciente em relação aos ajustes a serem promovidos, contando com o apoio das Grandes Almas que cuidam e contribuem para o progresso da humanidade e em aliança com outros buscadores da Verdade. Mas também me

permite observar o jogo e a cena social com maior clareza. Percebo nas relações a hipocrisia e a cobiça, a vaidade e o egoísmo disfarçados. Vejo pessoas queridas entrando recorrentemente em “barcas furadas”. Percebo que grande parte dessa situação é motivada pela ignorância e nem tanto pela maldade. No mesmo cenário é possível observar o germe do Amor Fraternal se manifestando em pequenas atitudes do cotidiano e em grandes esforços e sacrifícios abnegados. Percebo que a bondade predomina e isso me motiva a desenvolver o melhor em mim, atenuando a resistência que ainda me retém quanto ao potencial que acredito já poder colocar em ação.

(Gilmar Gonzaga)

NOTAS:

[1] Do artigo “[A Aura e o Magnetismo do Ser Humano](#)”, de Helena P. Blavatsky.

[2] Do artigo “[O Eu Social e o Eu Profundo](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[3] Carta 74 de “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, Volume I, p. 345.

[4] Trecho do artigo “The Shylocks of Lahore”, em “Collected Writings”, de Helena P. Blavatsky, TPH, Volume IV, p. 470.

[5] “[A Ponte Entre Céu e Terra](#)”.

000

Novos Textos em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 02 de maio tínhamos 2448 itens em nosso acervo, dos quais 07 estavam em francês, 1166 em português, 1147 em inglês e 128 em espanhol.

Os seguintes itens foram publicados entre 29 de março e 02 de maio de 2019:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Influence de L’Habitue sur la Faculté de Penser - Maine de Biran** [livro]
2. **I Will Be Worthy of It - Ella Wheeler Wilcox** [poema]
3. **Rituel de la Maçonnerie Egyptienne - Le Comte de Cagliostro** [livro]
4. **Ideias ao Longo do Caminho - 21 - Carlos Cardoso Aveline**
5. **Thoughts Along the Road - 30 - Carlos Cardoso Aveline**
6. **Ideias ao Longo do Caminho - 20 - Carlos Cardoso Aveline**
7. **Ideias a lo Largo del Camino - 27 - Carlos Cardoso Aveline**
8. **The Paradoxes of the Highest Science - Eliphas Levi** [livro]
9. **Ideias a lo Largo del Camino - 26 - Carlos Cardoso Aveline**

